



A EMANCIPAÇÃO DAS ALAGOAS A PARTIR DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE THOMAZ DO BOMFIM ESPÍNDOLA

Pedro Henrique Nunes Silva ¹
Antonio Alfredo Teles de Carvalho ²

RESUMO

A figura e a obra de Thomaz do Bomfim Espíndola (1832-1889) inserem-se em um contexto em que Alagoas vivenciara profundas transformações políticas, decorrentes, sobretudo, de sua emancipação da província de Pernambuco, em 1817. Nesse sentido, proceder à elaboração de uma imagem autônoma/diferencial de Alagoas face a de sua antiga mandatária se constituía em um imperativo. Nesse contexto, Thomaz Espíndola, ao lado de Antonio Joaquim de Moura, é reconhecido como um dos fundadores da historiografia alagoana, bem como da sua geografia. Nascido em Maceió e graduado pela Faculdade de Medicina da Bahia (1853), Espíndola integrou um seletivo grupo de intelectuais alagoanos ligados ao poder senhorial, destinados a pensar a província e a escrever sobre a mesma. Assim, à vista do que fora dito, buscou-se no presente trabalho, refletir acerca de como os escritos de Espíndola contribuíram para a construção e consolidação de uma imagem autônoma/diferencial das Alagoas após a sua emancipação de Pernambuco. Para tanto, tomou-se como principal aporte os próprios escritos de Espíndola, bem como a concepção de pensamento geográfico como sendo um conjunto de discursos histórico e socialmente produzidos acerca do espaço, reveladores das representações que uma dada sociedade, em um momento determinado, possui acerca do seu meio. Esta perspectiva teórica mostrou-se fundamental ao desenvolvimento da pesquisa, especialmente por acenar à interlocução com outras áreas do conhecimento e por permitir avançar no sentido de uma abordagem contextual.

Palavras-chave: História da Geografia, Geografia de Alagoas, Alagoas, Brasil Império, Século XIX.

RESUMEN

La figura y obra de Thomaz do Bomfim Espíndola (1832-1889) se insertan en un contexto en el que Alagoas había experimentado profundas transformaciones políticas, resultantes, sobre todo, de su emancipación de la provincia de Pernambuco, en 1817. En este sentido, era imperativo proceder a la elaboración de una imagen autónoma/diferencial de Alagoas frente a la de su ex representante. En este contexto, Thomaz Espíndola, junto a Antonio Joaquim de Moura, es reconocido como uno de los fundadores de la historiografía de Alagoas, así como de su geografía. Nacido en Maceió y egresado de la Facultad de Medicina de Bahía (1853), Espíndola formó parte de un selecto grupo de intelectuales alagoanos vinculados al poder señorial, destinados a pensar en la provincia y escribir sobre ella. Así, a la vista de lo dicho, este trabajo buscó reflexionar sobre cómo los escritos de Espíndola contribuyeron a la construcción y consolidación de una imagen autónoma / diferencial de Alagoas tras su emancipación de Pernambuco. Por tanto, se tomó como principal aporte los escritos del propio Espíndola, así como la concepción del pensamiento geográfico como un conjunto de discursos sobre el espacio producidos histórica y socialmente, revelando las representaciones que una determinada sociedad, en un momento dado, tiene sobre su entorno. Esta perspectiva teórica se mostró fundamental para el desarrollo de la

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, pedro.nunes@igdema.ufal.br;

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, acarvalho@igdema.ufal.br.



investigación, especialmente para apuntar al diálogo con otras áreas del conocimiento y para permitir avanzar hacia un enfoque contextual.

Palabras clave: Historia de la Geografía, Geografía de Alagoas, Alagoas, Imperio de Brasil, Siglo XIX.

ABSTRACT

The figure and work of Thomaz do Bomfim Espíndola (1832-1889) are inserted in a context in which Alagoas had experienced profound political transformations, resulting, above all, from its emancipation from the province of Pernambuco, in 1817. In this sense, proceeding with the elaboration of an autonomous/differential image of Alagoas compared to that of its former representative was an imperative. In this context, Thomaz Espíndola, along with Antonio Joaquim de Moura, is recognized as one of the founders of Alagoas historiography, as well as of its geography. Born in Maceió and graduated from the Faculty of Medicine of Bahia (1853), Espíndola was part of a select group of intellectuals from Alagoas linked to the lordly power, destined to think about the province and write about it. Thus, in view of what has been said, this work sought to reflect on how Espíndola's writings contributed to the construction and consolidation of an autonomous/differential image of Alagoas after its emancipation from Pernambuco. Therefore, Espíndola's own writings were taken as the main contribution, as well as the conception of geographical thought as a set of historically and socially produced discourses about space, revealing the representations that a given society, at a given time, has about your environment. This theoretical perspective was shown to be fundamental for the development of the research, especially for pointing to the dialogue with other areas of knowledge and for allowing for advancing towards a contextual approach.

Key words: History of Geography, Geography of Alagoas, Alagoas, Brazil Empire, 19th century.

INTRODUÇÃO

A emancipação política das Alagoas alcançada em 1817, no contexto da Revolução Pernambucana, suscita desde o seu acontecimento intensas e calorosas discussões, que se dão em torno das condições da antiga comarca no momento da sua separação da capitania de Pernambuco. Com efeito, a imagem de Alagoas ainda se achava confundida com a de sua antiga mandatária.

Vale salientar, ainda, que não é nosso objetivo fazer uma defesa de Alagoas ou de Pernambuco no que tange a Revolução de 1817, mesmo porque isso vai além das pretensões deste trabalho. O que se pretende aqui é resgatar e refletir sobre algumas das principais versões que foram elaboradas a respeito da emancipação política de Alagoas.

Desse modo, segundo a versão mais difundida, constata-se que a emancipação de Alagoas se deveu ao desejo do rei D. João VI de punir, de um lado, os revoltosos de Pernambuco, reduzindo o tamanho do seu território; e do outro, galardoar a comarca das Alagoas por sua lealdade à coroa e pelos serviços prestados na repressão ao movimento



revolucionário de 1817, elevando-a à categoria de capitania independente através do decreto de 16 de setembro de 1817, concebido nos seguintes termos:

Convindo muito ao bom regimem d'este Reino do Brasil, e à prosperidade a que me proponho eleva-o, que a provincia das Alagoas seja desmembrada da capitania de Pernambuco, e tenha um governo proprio, que desveladamente se empregue na applicação dos meios mais convenientes para d'ella se conseguirem as vantagens que o seu territorio e situação podem offerecer, em beneficio geral do Estado, e em particular dos seus habitantes, e da minha real fazenda; Sou servido isental-a absolutamente da sujeição, em que até agora esteve, do governo da capitania de Pernambuco, erigindo-a em capitania, com um governo independente, que a reja na forma praticada nas mais capitancias independentes, com faculdade de conceder sesmarias, segundo as minhas reaes ordens, dando conta de tudo directamente pelas secretarias de Estado competentes; e attendendo as boas qualidades e mais partes, que concorrem na pessoa de Sebastião Francisco de Mello; Hei por bem nomeal-o governador d'ella, para servir por tempo de tres annos, e o mais que decorrer em quanto lhe não der successor. Palacio do Rio de Janeiro, em 16 de Setembro de 1817. Com a rubrica de S. Majestade (D. João VI).

No entanto, como pode ser observado no decreto acima, o monarca português em momento algum deixa transparecer que a sua intenção era de punir Pernambuco por sua rebeldia ou bonificar Alagoas por sua lealdade; pelo contrário, o mesmo assinala que é “Convindo muito ao bom regimem d'este Reino do Brasil, e à prosperidade a que me proponho eleva-o, que a provincia das Alagoas seja desmembrada da capitania de Pernambuco [...]”. Nesse sentido, faz-se necessário a apresentação e discussão das principais versões existentes a respeito da participação e, por conseguinte, emancipação de Alagoas no contexto da Revolução de 1817.

A emancipação da comarca das Alagoas da capitania de Pernambuco no decorrer da Revolução de 1817 constituiu, desde o seu acontecimento, objeto de intensas e calorosas discussões envolvendo destacados intelectuais, sobretudo alagoanos e pernambucanos. Tais discussões deram-se em torno das possíveis causas ou motivações que teriam levado o rei D. João VI a assinar o decreto régio de 16 de setembro de 1817, concedendo independência política a antiga comarca das Alagoas.

Os motivos que estão por trás da decisão tomada pelo referido monarca permanecem ainda desconhecidos, embora tenha-se produzido algumas interpretações – variáveis e, por vezes, conflitantes – a respeito da participação de Alagoas e, por conseguinte, da sua emancipação no contexto da Revolução de 1817. Essas interpretações podem ser sintetizadas nos seguintes termos: 1) a emancipação de Alagoas foi uma punição aos revoltosos de Pernambuco; 2) a emancipação de Alagoas foi concedida em virtude da sua lealdade à coroa portuguesa e pelos serviços prestados na repressão do movimento revolucionário de 1817; 3) a emancipação de Alagoas deveu-se tão somente ao reconhecimento do seu estágio



desenvolvimento econômico e demográfico, e fora apenas apressada pelo movimento revolucionário de 1817.

Segundo os alagoanos Thomaz Espíndola (2001), José Prospero Jeovah da Silva Carotá (1873) e Moreno Brandão (2004), a nossa emancipação nada tem a ver com a situação econômica e/ou demográfica que se achava a antiga comarca das Alagoas, mas sim com objetivo de D. João VI de punir os revoltosos de Pernambuco e premiar a lealdade e serviços prestadas pela comarca de Alagoas na debelação do movimento revolucionário que estourou no Recife em 6 de março de 1817.

Para Espíndola (2001, p. 213), o governo “[...] querendo pôr os habitantes desta comarca ao obrigo dos ódios e opressões, houve por bem desligá-la da sua antiga metrópole [...] constituindo-a capitania independente.” Nessa mesma linha, Carotá (1873) assinala que, foi visando enfraquecer a influência de Pernambuco sobre o país, que o rei D. João VI resolveu desmembrar a comarca de Alagoas da capitania de Pernambuco. Afora isso, Brandão (2004, p. 69) associa a nossa emancipação a intenção do governo em enfraquecer Pernambuco diminuindo o tamanho do seu território, além de “[...] galardoar os serviços prestados por Alagoas na debelação do movimento de 1817 [...]”.

Em oposição as hipóteses acima mencionadas, colocam-se autores alagoanos como Craveiro Costa (1967), Anfilófilo Jayme de Altavila Mello (1935), Aberlado Duarte (1941) e Dirceu Lindoso (2005), os quais compartilham da hipótese geral de que a emancipação de Alagoas se deveu as suas condições econômicas e demográficas, e que se foi apenas apressada pelo movimento de 1817.

Desse modo, partimos da hipótese que os escritos publicados no século XIX contribuíram decisivamente para a representação e consolidação de uma imagem autônoma/diferencial das Alagoas. Dentre esses, destacam-se o de Thomaz do Bomfim Espíndola (1832-1889), sobretudo aqueles dedicados à descrição e caracterização da geografia do território alagoano. Assim, a presente investigação tem como objetivo principal analisar e discutir a contribuição dos escritos de Thomaz Espíndola para consolidação de uma imagem autônoma e diferencial das Alagoas em seu contexto regional.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa e o posterior alcance dos objetivos propostos, fez-se necessário a construção de um arcabouço teórico-metodológico dotado de coesão e coerência, cuja aplicação ao objeto investigado propiciasse resultados em consonância com o



real. Assim, procedeu-se a elaboração de um sistema coerente de ideias, do qual emergiram os conceitos-chave da investigação (SANTOS, 2014).

Desse modo, com base no referencial teórico enunciado anteriormente e levando-se em conta o caráter histórico, bibliográfico e documental do presente trabalho, obedeceu-se a um processo operacional organizado em três etapas complementares, a saber:

- 1) Pesquisa bibliográfica: nesta primeira etapa realizou-se um amplo levantamento bibliográfico a respeito do tema, sendo o mesmo subdividido em três partes. Na primeira foi levantada a produção de Thomaz Espíndola, sobretudo os escritos que tratam da geografia do território alagoano. Na segunda parte a produção que diz respeito a Thomaz Espíndola e a sua obra. E, por último, realizou-se o levantamento da bibliografia mais ampla visando dar aporte teórico-metodológico a construção do trabalho.
- 2) Pesquisa documental: nesta etapa levantou-se documentos referentes a Thomaz Espíndola junto as principais instituições científicas e culturais de Alagoas, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), Arquivo Público de Alagoas (APA), Academia Alagoana de Letras (AAL) e a Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos.
- 3) Análise e sistematização do material levantado: nesta e terceira e última etapa elaborou-se os principais resultados do trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

As proposições teóricas desenvolvidas no trabalho estão centradas especialmente nas concepções de pensamento geográfico e ideologia geográfica, a partir de Moraes (2005a, 2005b); abordagem contextual e círculo de afinidade, concebidas por Berdoulay (1999, 2003, 2017), como uma proposta teórico-metodológica a ser seguida na análise de Thomaz do Bomfim Espíndola e de sua obra no âmbito da geografia produzidas em Alagoas na segunda metade do século XIX.

No que se refere ao período que precedera a institucionalização da geografia no Brasil, o estudo valeu-se das contribuições de Zusman (1996), Pereira (1997, 2003) e Machado (2000). Afora, as contribuições de Sodré (1976), Andrade (1977), Bernardes (1982a), Capel (1983), Corrêa (1995), Moraes (2007) e Santos (2012) deram aporte ao conhecimento e interpretação da história do pensamento geográfico.

Quanto a historiografia alagoana, Almeida (2004), Lindoso (2005) e Carvalho (2015) se constituíram em importantes subsídios para o desenvolvimento da presente investigação.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

O século XIX constitui um período em que Alagoas vivenciou grandes transformações. Emancipada da capitania de Pernambuco, pelo Decreto régio de 16 de setembro de 1817, Alagoas sai da condição de comarca à independência. Diante dessa nova realidade, entendia-se que havia a necessidade de se elaborar uma imagem autônoma/diferencial de Alagoas diante da de sua antiga mandatária, a capitania de Pernambuco. Desse modo, já

[...] no final da primeira metade do século XIX inicia-se um ciclo de representação da imagem autônoma da Província na escrita. Esse ciclo se constitui por meio da elaboração consciente de opúsculos e esboços que buscavam representar a realidade provincial por meio de uma imagem homogênea e configurada, que reflita as condições do espaço físico, o homem, a produção, a organização administrativa e as vicissitudes da vida histórica numa escrita de representação. (LINDOSO, 2005, p. 36).

Não por acaso assevera Almeida (2004, p. 9), que “[...] a formalização de um corpo de intelectuais destinados a pensar as Alagoas passa pela malha do poder de mando.” Nessa perspectiva, é possível inferir que a historiografia alagoana, formalizada na última metade do século XIX, é reflexo da relação umbilical mantida entre os intelectuais e o poder senhorial. Em outros termos, tratava-se de uma produção intelectual socialmente marcada pelos interesses da classe política dominante.

Nesse sentido, segundo Lindoso (2005), antes mesmo da emancipação, já se vinha formando uma imagem diferencial de Alagoas no interior do espaço da capitania de Pernambuco. Para o autor, a criação da comarca, em 1711, se constitui na primeira manifestação de uma autonomia relativa, que se consolida com a emancipação em 1817, criando assim a capitania das Alagoas. Ainda segundo Lindoso (2005), documentos escritos no século XVIII, os quais denomina de “primitivos”,

[...] revela em suas referências corográficas, na descrição da organização administrativa, no volume de produção econômica e no recenseamento demográfico a dupla imagem que se vinha formando, por meio da qual se configura a diferenciação de um espaço novo no interior da antiga capitania de Pernambuco” (LINDOSO, 2005, p. 33).

Infere-se, desse modo, que a emancipação de Alagoas era iminente, que se daria mais cedo ou mais tarde, pois as condições para tal já existiam e estavam evoluindo rapidamente. Assim, “O decreto régio de 1817 é um reconhecimento, em nível político, de realidades econômicas e demográficas jacentes”, assinala Lindoso (2005, p. 34-35).

Contudo, foi somente a partir da publicação dos escritos de Antonio Joaquim de Moura e de Thomaz do Bomfim Espíndola que se iniciou a representação, no nível da escrita, da



imagem autônoma da então província das Alagoas (Lindoso, 2005). O primeiro é reconhecido como o suposto autor do *Opúsculo da descrição geographica e topographica, phizica, politica, e histórica do que unicamente respeita à província das Alagoas no império do Brazil*, obra esta publicada em 1844, sob o pseudônimo de *Por Hum Brasileiro*. Vale salientar que a referida obra é considerada como a primeira geografia e a primeira história de Alagoas.

O *Opúsculo de 1844* caracteriza-se por um discurso profundamente descritivo, de exaltação a natureza e de aviltamento das contradições sociais, traço comum entre os escritos produzidos em Alagoas no período oitocentista. No fragmento que segue é possível observar o caráter monográfico da aludida obra:

Esta Província das Alagôas he eminentemente pingue; o seu terreno gordo, e argiloso, he na maior parte coberto por soberbas florestas, de primorosas madeiras; de excellentes qualidades; não só para edificios, e marcinaria, senão e mui positivamente para a construção de marinha; he farto de aguas, porque o Rio de S. Francisco perenemente o refresca do lado sul, e muitos rubeiros, arroios e vertentes a festelizão por toda a parte [...] (MOURA, 1844, p. 12-13).

Trata-se de uma obra que toma para si a missão de descrever minuciosamente a província, evidenciando sobremaneira a riqueza e a abundância dos seus recursos naturais. Por outro lado, nada se diz a respeito dos conflitos e contradições que envolviam o cotidiano provincial.

Já Thomaz Espíndola, objeto do nosso estudo, em sua obra aprofunda e aprimora ainda mais o discurso contido no *Opúsculo de 1844*. O autor se constitui em um importante intelectual alagoano da segunda metade do século XIX, que possui uma vasta obra dedicada, em grande parte, à descrição da geografia do território alagoano. Nesse sentido, vale destacar a sua obra mais importante e conhecida, intitulada de *Geographia física, politica, historica e administrativa da província das Alagoas*, de 1860, da qual foi retirada uma segunda edição, publica em 1871, sob o título *Geographia alagoana ou descrição physica, politica e historica da província das Alagoas*.

A *Geographia alagoana* (1871), como ficou conhecida, é um “esboço geográfico e histórico da província”, conforme a descrição dada pelo próprio autor. A obra está estruturada em três partes principais, a saber: *I - Geographia physica*, *II - Geographia politica* e *III - Geographia historica*. Na primeira parte, Espíndola descreve de forma minuciosa os aspectos físicos e naturais do território alagoano, caracterizando as particularidades geográficas do mesmo. O autor descreve, por exemplo, a posição geográfica, os limites territoriais, a extensão do território, a figura, a superfície, o clima, a natureza do solo, a orografia, a hidrografia, entre outras aspectos de natureza física, conforme a passagem que segue:



O seu terreno é um tanto montanhoso, banhado pelo caudaloso rio de S. Francisco e vários seus afluentes, por muitos outros rios e riachos e grande número de lagoas de diversas dimensões, e abunda em florestas virgens de aspecto tropical, ricas de madeiras de construção, merecendo especial menção os distritos de Paulo Afonso, Água Branca, e as 5 e ½ léguas quadradas de terras devolutas, situadas dentro e ao sul do distrito da povoação Leopoldina (ESPÍNDOLA, 2001, p. 25-26).

Na segunda parte, faz-se uma descrição geral da organização política, econômica e administrativa da província, fazendo um apanhado das cidades, vilas e povoações que fazem parte da mesma.

Na última parte, denomina de *Geographia historica* e subdividida em seis épocas, estão descritos e relatados os principais eventos e os diversos períodos atravessados por Alagoas – do descobrimento (1500) à publicação da sua *Geographia alagoana* (1871), passando pela elevação à categoria de comarca de Pernambuco (1711) e depois província independente (1817).

Pode-se afirmar, portanto, que a *Geographia alagoana* de Thomaz Espíndola se constitui em um importante objeto para se pensar a geografia produzida na segunda metade do século XIX e como esta mesma geografia se relaciona com o processo de consolidação de uma imagem autônoma/diferencial da província das Alagoas.

É notório, após a leitura da *Geographia alagoana*, que Espíndola tinha como objetivo principal a descrição da geografia do território alagoano e assim delimitar o espaço da província recém-emancipada, espaço este que segundo a sua descrição é diferente do espaço da capitania de Pernambuco. É nesse sentido que o mesmo assinala que “nada por sem dúvida é mais censurável do que não conhecer o homem a sociedade em que vive, a terra em que pisa, ou em que viu a primeira luz do mundo, a história dessa sociedade e dessa terra” (ESPÍNDOLA, 2001, p. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, buscou-se resgatar Thomaz do Bomfim Espíndola, que se constituiu em um importante intelectual alagoano do século XIX, com marcante atuação na instrução pública, na política e na administração da Alagoas provincial. Da leitura de sua obra foi possível inferir que a mesma esteve intimamente associada ao processo de construção e consolidação de uma imagem autônoma/diferencial das Alagoas e, por conseguinte, de uma identidade alagoana, o que se faz sentir a partir da geografia por ele produzida, marcada por uma descrição pormenorizada dos



aspectos físico-naturais, político-administrativos, sociais e econômicos da província recém-emancipada.

Tendo sido um dos primeiros a elaborar um “esboço geográfico e histórico da província”, Espíndola se constitui em um importante objeto de estudo, cuja contribuição para o conhecimento e interpretação da história do pensamento geográfico, sobretudo em Alagoas, é basilar. Contudo, apesar da notável importância de sua obra, o que se tem verificado é o seu completo esquecimento, persistindo assim uma grande lacuna no que diz respeito aos estudos sobre a história da geografia em Alagoas.

Nesse sentido, a pesquisa ora apresentada buscou se constituir em um repositório acerca da geografia produzida por Thomaz Espíndola e como está esteve associada a emancipação das Alagoas, em seu sentido mais amplo. Finalmente, espera-se que a realização deste trabalho possa animar a feitura de outros, nessa mesma perspectiva teórica, que busquem resgatar figuras que permanecem esquecidas, mas que podem oferecer contribuições valiosas para o conhecimento e interpretação da historiografia do pensamento geográfico em Alagoas e de como este esteve associado as questões marcantes da época.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luiz Sávio de. Dois textos alagoanos exemplares. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de (Org.). **Dois textos alagoanos exemplares**. Maceió: FUNESA, 2004. p. 8-18.

ANDRADE, Manuel Correia de. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. In: **Boletim Paulista de Geografia**, n. 54, São Paulo: AGB, 1977. p. 5-28.

BERDOULAY, Vincent. Do contexto ao relato: revisitar a modernidade. In: CASTRO, Iná Elias de; MIRANDA, Mariana; EGLER, Claudio A. G (Org.). **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil - Faperj, 1999.

_____. A abordagem contextual. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 47-56, jul./dez. 2003.

_____. **A escola francesa de geografia: uma abordagem contextual**. Tradução de Oswaldo Bueno Amorim Filho. São Paulo: Perspectiva, 2017.

BERNARDES, Nilo. O pensamento geográfico tradicional. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 391-413, jul./set. 1982a.

BRANDÃO, Moreno. **História de Alagoas**. 3. ed. Arapiraca: Edeal, 2004. 141p.

CAPEL, HORACIO. **Filosofía y ciência en la geografía contemporánea. Uma introducción a la geografía**. Barcelona: Barcanova, 1983.



CAROATÁ, José Próspero Jeovah da Silva. Chronica do Penedo. **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano**, Maceió, Volume I, nº 2, p. 1-80, jun. 1873.

CARVALHO, Antonio Alfredo Teles de. **O pão nosso de cada dia nos daí hoje...** Josué de Castro e a inclusão da fome nos estudos geográficos no Brasil. 2007. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARVALHO, Cícero Péricles de. **Formação histórica de Alagoas**. 3. ed. Maceió: Edufal, 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

COSTA, João Craveiro. **A Emancipação das Alagoas**. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1967.

DUARTE, Abelardo. A Revolução Pernambucana de 1817 e a Emancipação de Política de Alagoas. **Revista do Instituto Histórico de Alagoas**, Maceió, Ano. 1940-1941, Volume. XXI, p. 146-155, 1941.

ESPÍNDOLA, Thomaz do Bomfim. **Geografia alagoana ou descrição física, política e histórica da Província das Alagoas**. 2. ed. Maceió: Edições Catavento, 2001.

_____. **Geographia alagoana ou descrição physica, politica e historica da província das Alagoas**. 2. ed. Maceió: Typographia do Liberal, 1871.

LINDOSO, Dirceu. **Interpretação da Província: estudo da cultura alagoana**. 2. ed. Maceió: Edufal, 2005.

MACHADO, Lia Osório. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a ideia de ordem (1870-1930). In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 309-352.

MELLO, Anfilóbio Jayme de Altavila. Alagoas na Revolução Pernambucana de 1817. **Revista do Instituto Histórico de Alagoas**, Maceió, Volume XVIII, p. 122-128, 1935.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. **Ideologias geográficas – espaço, cultura e política no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2005a.

_____. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005b.

PEREIRA, Sergio Luiz Nunes. **Geografias: caminhos e lugares da produção do saber geográfico no Brasil 1838/1922**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2014.



_____. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica.** 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à geografia (geografia e ideologia).** Petrópolis: Vozes, 1976.

TENÓRIO, Douglas Apratto. Uma nova visão do geógrafo no mundo contemporâneo. **Gazeta de Alagoas.** Maceió, 02 jul. 2016. Disponível em:
<<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=290228>>. Acesso em: 18 set. 2017.

ZUSMAN, Perla Brígida. **Sociedades geográficas na promoção dos saberes a respeito do território: estratégias políticas e acadêmicas das instituições geográficas na Argentina (1879-1942) e no Brasil (1838-1945).** Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.